

A INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA DE ARISTÓTELES SEGUNDO O JOVEM HEIDEGGER (1919-1923)

THE ARISTOTLE'S PHENOMENOLOGICAL INTERPRETATION BY THE YOUNG HEIDEGGER (1919-1923)

Flávia Neves Ferreira¹

Resumo: Pretende-se identificar como se delineou a leitura fenomenológica de Heidegger sobre a filosofia de Aristóteles. A presente investigação gira em torno de responder: em que medida o projeto da fenomenologia hermenêutica de Heidegger se relaciona com a sua leitura de Aristóteles? A fim de alcançar o objetivo proposto, será realizado um percurso analítico descritivo: um corte sincrônico – correspondente às preleções dos anos 1919 a 1923 – do projeto filosófico de Heidegger. Busca-se, principalmente, articular o projeto filosófico a partir da sua leitura aristotélica com base no relatório enviado a Natorp, que data de 1922. Pode-se verificar que a partir da leitura originária e fenomenológica de Aristóteles, Heidegger fundamenta a sua fenomenologia hermenêutica da vida fática, na medida em que o filósofo alemão projeta na filosofia aristotélica o questionamento sobre o sentido do ser. Assim, Heidegger apresenta um conjunto temático em que se articulam os conceitos práticos de Aristóteles com o projeto de uma hermenêutica da factidade: a *kínesis* da vida fática, a *phrónesis* e sua relação com o cuidado, a urgência da *prâxis* frente ao teorético.

Palavras-chave: Fenomenologia hermenêutica. Vida fática. Filosofia aristotélica.

Abstract: It is pretends to identify how Heidegger's phenomenological reading of Aristotle's philosophy was delineated. The present research turns to answer: to what extent does the project of Heidegger's hermeneutic phenomenology relate to his reading of Aristotle? To achieve the proposed objective, it will perform an analytical and descriptive percourse: a synchronic cut - corresponding to the lectures from 1919 to 1923 - of Heidegger's philosophical project. It is mainly sought to articulate the philosophical project from its Aristotelian reading based on the report sent to Natorp, which dates from 1922. It can be verified that the originary and phenomenological reading of Aristotle, Heidegger bases his phenomenological hermeneutics of phatic life, insofar as the German philosopher projects in Aristotelian philosophy the questioning of the sense of being. Thus, Heidegger presents a thematic set in which articulate the practical concepts of Aristotle with the project of a hermeneutics of factity: the *kínesis* of factual life, *phrónesis* and its relationship with care, the urgency of *prâxis* versus the theoretical.

Keywords: Phenomenological hermeneutics. Phatic life. Aristotelian philosophy.

1. Considerações iniciais

Em Freiburg, no período pós-guerra, Martin Heidegger esforça-se para erigir seu próprio caminho filosófico. Influenciado pelas diversas correntes alemãs da época, as quais se empenhavam à crítica do conhecimento científico, o jovem Heidegger

¹ Mestranda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). E-mail: flavia_neves002@hotmail.com

desdobra-se na leitura da tese de Brentano, do teólogo Carl Braig, pelo ensino do historiador da arte Wilhelm Voge, pela leitura de Holderlin, pelas “*Investigações*” de Husserl, pela leitura de Dilthey; para além destes, o confronto com Kant e o neokantismo, pelas leituras de Heinrich Rickert, Emil Lask, pela mística de Eckhart, pela fenomenologia do espírito de Hegel, entre outros pensadores. Sem contar com as leituras dos gregos, como Aristóteles e também da neoescolástica. Assim, Heidegger se propôs a traçar um embate com a tradição da história da filosofia, incluindo a gênese de uma ontologia arraigada por esta tradição. Todas estas leituras parecem despontar em Heidegger a exigência de uma re colocação do problema do ser, problema este que já se parece presente em 1919 – nos cursos pós-guerra em Freiburg – e é postulado pelo filósofo ao longo de seu pensamento e horizonte temático, ou seja, perpassa toda sua evolução especulativa.

Nas preleções que ocorrem entre 1919/1920, Heidegger dedica-se à ciência originária da vida, o que vai dar origem em 1920/1921 ao problema da experiência da vida fática. Alguns conceitos que são explorados no decorrer destes escritos, nos levam a perceber um amadurecimento no e do pensamento de Heidegger, bem como um modo próprio dele lidar com a construção, ou melhor, desconstrução da tradição levado a cabo pela História da Filosofia. A tradição filosófica respaldava-se por um conhecimento interessado nos modelos de sujeito-objeto. Em oposição a esse molde, Heidegger se empenha em retornar com a filosofia ao solo no qual ela teve a sua origem e para o qual ela jamais devia ter se deixado desviar: a vida fática.

Posto isto, o objetivo principal deste escrito consiste em identificar como se delineou a leitura fenomenológica de Heidegger sobre a filosofia de Aristóteles. A presente investigação gira em torno de responder: em que medida o projeto da fenomenologia hermenêutica de Heidegger se relaciona com a sua leitura de Aristóteles?

A fim de alcançar o objetivo proposto, será realizado um percurso analítico descritivo: um corte sincrônico – correspondente aos anos 1919 a 1923 – do projeto filosófico de Heidegger. Isso significa que este estudo se desdobrará a partir de um recorte temporal específico da obra heideggeriana, a saber: *Towards the Definition of Philosophy* (Freiburg Lecture-Courses 1919), *Fenomenologia da Vida religiosa* (1920-1921), *Interpretações Fenomenológicas sobre Aristóteles* (1921), *Interpretações Fenomenológicas sobre Aristóteles: Indicação da situação hermenêutica* (1922) e *Ontologia: Hermenêutica da facticidade* (1923).

Não se trata de definir em detalhe as estruturas constitutivas do *Dasein*² que foram elaboradas ao longo dos anos 20, nem mesmo compará-las com o projeto da ontologia fundamental de *Ser e Tempo*. Pretende-se realizar alguns apontamentos genéricos acerca da fenomenologia hermenêutica do jovem Heidegger, mas principalmente, articular seu projeto filosófico a partir da sua leitura aristotélica, mais especificamente, com base no relatório enviado a Natorp, que data de 1922.

Estas preleções correspondem aos primeiros anos do jovem Heidegger como professor em Freiburg e demonstram que sua filosofia está respaldada pelo viés fenomenológico em vista de uma ontologia da vida fática. A sua fenomenologia, no entanto, é potencialmente pensada a partir da filosofia prática de Aristóteles, como se pode testemunhar através da leitura do *Relatório-Natorp*, que consiste no principal objeto de análise do presente artigo.

2. A Interpretação Fenomenológica de Aristóteles

As ideias dos textos e preleções dos anos 20, que configuram o início da carreira de Heidegger como professor, nos permite reconhecer o sentido do seu itinerário, na medida em que os elementos básicos de *Ser e Tempo*³ começam a ser desenvolvidos e vão assumindo uma forma cada vez mais evidente com o passar dos anos. Desse modo, as preleções ministradas por Heidegger em Freiburg (1919-1923) e em Marburg (1923-1927) testemunham que a obra de 1927 foi preparada em um longo processo de apropriação e destruição da história da tradição.

Os seminários de emergência de guerra de 1919 – *Kriegnotsemester (KNS)* – são o ponto de partida rumo a *Ser e Tempo*, onde surge pela primeira vez a colocação originária da pergunta pelo ser⁴, a partir de um projeto de filosofia enquanto ciência originária. Esse movimento que Heidegger perfaz na constituição do projeto de uma ciência originária, a qual tem como cerne a própria vida, faz com que o filósofo

² O termo *Dasein* começa a adquirir um valor técnico que se consolidará plenamente nas lições de 1923 na obra *Ontologia: Hermenêutica da Facticidade*. De todo modo, deve-se esclarecer que *Dasein* se alude ao modo de ser próprio da vida humana, refere-se ao modo em que a existência humana concreta e fática habita e reside no mundo. Portanto, neste escrito se utilizará em alguns momentos o termo ‘vida humana’ que nada mais é que o próprio *Dasein*.

³ Ao analisar o fenômeno do mundo em *Ser e Tempo*, Heidegger observa em uma nota de rodapé "que apresentou repetidamente esta análise do mundo ambiental e, em geral, a" hermenêutica da facticidade "do *Dasein* em seus cursos de leitura desde 1919-20" (HEIDEGGER, 2006, p.72).

⁴ Neste semestre, Heidegger ainda não utiliza exatamente o termo “ser”, a princípio ele remete a partícula “é” que adota dos neo-kantianos como uma maneira alternativa de falar sobre "ser" (KISIEL, 1995). Todavia, preferiu-se manter “ser” pelo fato de que é justamente a pergunta pelo “ser” que orientará a filosofia heideggeriana.

circunde nos anos posteriores acerca da experiência fática da vida, apresentada no semestre de inverno de 1920-1921 e também nas preleções dos anos 1921-23.

Com vistas a esclarecer acerca da vida fática, o filósofo alemão encontra na fenomenologia o método para inaugurar uma filosofia pré-teorética e originária. É justamente o fenômeno da vida e suas diferentes formas de manifestação e apreensão que impulsiona o interesse, no jovem Heidegger, em realizar uma interpretação fenomenológica de alguns filósofos da tradição. Assim, em meio ao embate que ele empreende com alguns destes filósofos, Aristóteles aparece com um estatuto privilegiado, pois é nele⁵ que Heidegger encontra a abertura para se pensar a vida fática. Nessa direção, os cursos de Freiburg parecem ser uma introdução ao exame do filósofo grego, pelo qual Heidegger se dedicará pormenorizadamente em cursos posteriores, mais especificamente, como professor na Universidade de Marburg⁶.

A aproximação heideggeriana da leitura aristotélica, primariamente, diz respeito à questão da significação múltipla do ser que o filósofo alemão herdara de Franz Brentano. A tese de Brentano intitulada *Sobre o múltiplo significado do ente segundo Aristóteles* faz uma análise do ser, conforme a figura das categorias aristotélicas e sustenta a ideia de que as categorias em todas as suas acepções circunscrevem-se ao âmbito de apenas uma: da noção de substância (*ousía*). Desse modo, ele considera a substância como o termo unitário com a qual todas as outras significações estão relacionadas e concebe “a ontologia como ousiologia” (VOLPI, 2013, p. 31).

Brentano tem como ponto de partida uma passagem da *Metafísica* de Aristóteles (1982), na qual o filósofo grego enfatiza que o ‘ser’ tem uma multiplicidade de sentidos e estes sentidos precisam ser diferenciados por meio da *Metafísica*. Nessa direção, Brentano discute a multiplicidade do ente a partir de quatro significados: o primeiro é do ente em si e do ente por acidente; o segundo significado é o ente como verdadeiro; o

⁵ A partir da década de 80 alguns estudiosos começaram a se dedicar mais minuciosamente no impacto da leitura de Aristóteles no pensamento heideggeriano. Dentre estes estudiosos, podem-se citar os ensaios de Jacques Taminiaux, Franco Volpi, Walter Brogan, Ted Kisiel, Dennis Schmidt e John Van Buren. O interesse neste âmbito se iniciou na década de 80, porque o relatório enviado por Heidegger a Natorp (conhecido como *Informe Natorp* ou *Natorp-Bericht*) sobre Aristóteles, no início dos anos 20, só foi publicado em 1989.

⁶ Cabe enfatizar que Heidegger já tivera Aristóteles como guia em seu primeiro período de estudos filosóficos (1907-1916), porém fora interpretado à luz da escolástica e da teologia cristã. O exemplo disto é a sua dissertação para a livre-docência, iniciada em 1914 e publicada em 1916, intitulada *A doutrina das categorias e do significado em Duns Scot*. Na referida dissertação, Heidegger interpreta o ser de modo substancialmente unívoco e via o significado do ser na substância (*ousia*). Esta interpretação aristotélica toma novos rumos no pensamento heideggeriano, principalmente, após a chegada de Husserl em Freiburg que o incitou a uma interpretação fenomenológica sobre Aristóteles. Por outro lado, Poggeler (2001) aponta que no período de juventude, Heidegger seguia de modo mais específico, Boaventura e Duns Scot do que o aristotelismo de Tomás de Aquino.

terceiro é o do ente segundo a potência ou o ato; o quarto significado é o ser enquanto substância ou modificação da substância. O último dos significados é o mais importante, visto que Brentano interpreta e reformula as categorias aristotélicas, em especial, a substância; e ainda aponta a ontologia aristotélica justamente como doutrina da substância (a primeira das categorias). O ponto mais originário da interpretação brentaniana da doutrina aristotélica das categorias é que ele considera possível dar a elas uma prova dedutiva com base em uma divisão do ser (BRENTANO, 1960). Em suma, ele visa extrair a partir da dedução na divisão das categorias a estrutura unitária do ser.

Segundo Volpi (2013), a tendência presente no jovem Heidegger refere-se ao problema da uni (voc) idade do ser e mostra como ela corresponde a uma tendência análoga presente na interpretação brentaniana de Aristóteles, isto é, de reconduzir a multiplicidade dos seus significados a um fundamento unitário. Ao contrário de Brentano, Heidegger nega a caracterização fundamental do ser como substância e parte da verdade e da sua múltipla significação. Assim, “[...] insatisfeito com a ontologia e a solução analógica sustentada por Brentano, Heidegger, na década de 1920 concentra-se numa análise aprofundada sobre o significado de ser *qua* verdadeiro” (VOLPI, 2013, p. 31). Para Aristóteles (1982), a substância é a categoria primeira; todas as outras são apenas na medida em que são predicados ditos na ou da substância. Essa é, para Heidegger, a base da ontologia tradicional. Daí que se trata de encontrar em Aristóteles (isto é, na base da tradição) um sentido mais originário que escape à própria tradição.

Heidegger, portanto, traça um diagnóstico da tradição filosófica, na medida em que vê a filosofia movida na inautenticidade da conceitualidade grega. Segundo ele, o caminho autêntico para a filosofia reside em retornar as fontes originárias, mas em um confronto destrutivo ou desconstrutivo⁷ com a própria história da filosofia. Logo, a tarefa da fenomenologia torna-se para Heidegger o que ele denomina de “desconstrução” (*Destruktion*)⁸ da tradição ontológica da filosofia ocidental, no sentido de “desestruturar” o depósito sedimentado do conhecimento, a fim de dar abertura a compreensão de uma história do ser que está encoberta pela tradição. O essencial na

⁷ No § 6 de *Ser e Tempo*, Heidegger retoma o caráter hermenêutico da tarefa de uma destruição da história da Ontologia, no sentido de uma crítica ao esquecimento metafísico do Ser e em um regresso “às experiências originárias” (HEIDEGGER, 2006).

⁸ Traduzir *Destruktion* por “desconstrução”, impreterivelmente, nos remete a corrente pós-estruturalista denominada Desconstrução, inaugurada por J. Derrida, no final dos anos 60. O conceito de “desconstrução” insere-se numa estratégia de intervenção no quadro da Metafísica ocidental, que se coloca, determinadamente, nos traços da “*Destruktion*”, da “*Aufbau*” (construção) da Metafísica, inaugurada por Heidegger, mas anunciada, desde o século XIX, por Marx, Nietzsche e Freud (SALLIS, 1987).

tarefa da destruição fenomenológica não se reduz simplesmente a ilustrar as diferentes correntes, mas descobrir em cada um dos momentos de desvio da história da antropologia ocidental – as estruturas lógicas e ontológicas capitais mediante um regresso de suas fontes originais.

A hermenêutica fenomenológica da facticidade se vê encarregada da tarefa [...] de desfazer a explicitação recebida e dominante e de destacar os seus motivos ocultos, as tendências e as vozes implícitas, e de penetrar, com o favorecimento de um retorno desconstrutor das fontes que serviram de motivos para a explicitação. A hermenêutica só cumpre a sua tarefa pelo viés da destruição (HEIDEGGER, 2002, p.51, trad. nossa).

No relatório intitulado *Interpretações Fenomenológicas sobre Aristóteles: Indicação da situação hermenêutica*⁹, também conhecido como *Informe-Natorp*, Heidegger expõe os seus critérios de interpretação de Aristóteles, os quais só podem ser realizados mediante a tarefa da desconstrução. Em suma, o seu principal objetivo é o de compreender o “ser” em Aristóteles na perspectiva de um fenomenólogo, a partir da análise sobre três textos aristotélicos: *Ética a Nicômaco*, *Metafísica* e a *Física*.

A pergunta que marca o rumo da interpretação fenomenológica sobre Aristóteles é a seguinte:

[...] segundo que tipo de objetividade e em função de que caráter ontológico se experimenta e se interpreta o ser humano, o ser na vida? Qual o sentido do *Dasein* segundo o qual a interpretação da vida determina a priori o objeto homem? [...] como se explicita conceitualmente este ser do homem, qual é a base fenomênica da explicitação e que categorias ontológicas surgem para explicitar este fenômeno [do ser do homem]? (HEIDEGGER, 2002, p. 56, trad. nossa).

Ao indagar ‘qual o sentido do ser para Aristóteles’, Heidegger em um primeiro momento, pensará o modo com que a *práxis* se coloca em contato com as múltiplas maneiras com que o ser dos entes se manifesta. Segundo Heidegger (2002, p.57), “o âmbito de objetos que dá sentido originário ao ser é o dos objetos produzidos, dos utensílios empregados na lida cotidiana”. Isso significa que na lida prática com o utensílio, que se confere significação aos entes; do mesmo modo, a ocupação prática,

⁹ Ressalta-se que Heidegger não pretende que seu relato da vida fática seja aristotélico. Ele apresenta certas articulações da sua filosofia como os mesmos termos usados por Aristóteles, mas no intuito de enfatizar a importância da apropriação da história da filosofia, questionando-a (isto é, sob a base da tarefa da desconstrução).

seja ela um utilizar, um executar ou um produzir é o que define as determinações ontológicas dos mesmos entes¹⁰.

Ao retomar de modo originário a concepção aristotélica de ‘ser’, Heidegger se esforça para mostrar como já em Aristóteles se acha presente uma compreensão ontológica do fenômeno da verdade. A partir de então, ele chega à tese de que a verdade filosófica é a verdade prática. Assim, o filósofo rompe com o modelo tradicional de que a verdade se dá na teoria e prioriza “os fenômenos que conduzem a verdade prática voltada ao fenômeno em sua historicidade e não na experiência psicológica” (KISIEL, 1995, p.122, trad. nossa). As análises de Heidegger acerca do fenômeno da verdade são respaldadas pela obra *Ética a Nicômaco*, mais especificamente do livro VI, o qual diz respeito aos modos em que a verdade pode ocorrer, ou, como traduz Heidegger, os modos de custódia do ser na verdade (*Seinsverwahrung*). Com este intento, Heidegger – como já mencionado – identifica na *práxis* aristotélica o correlativo adequado da sua concepção de pré-teórico.

Aqui, cabe enfatizar que o primado do teórico sobre o prático é tratado por Heidegger desde os cursos de pós guerra em 1919. Em uma das preleções do referido período, intitulada *A ideia de Filosofia e o problema da visão de mundo*, Heidegger (2000, p.95, trad. nossa) aponta que as “teorizações são restritas a uma esfera específica da realidade [...] uma des-vivificação”. Então, o teórico representa a des-vivificação (*Entlebnis*) da experiência no mundo, pois transforma a experiência em um mero objeto de conhecimento e de valoração, impedindo de lançar o olhar para um ‘dar-se mais originário das coisas’ no mundo circundante. Isso significa dizer que ao inserir a perspectiva teórica no processo de explicitação da própria experiência, o caráter imediato da vivência se desvanece e ocorre uma des-vivificação, visto que acontece uma objetivação daquilo que se vivencia, ou seja, tematizar a vivência elimina o caráter vital que a constitui. De modo geral, Heidegger mostra que o comportamento teórico a partir do qual somos direcionados para os objetos e por intermédio do qual nos desligamos do mundo circundante não nos permite compreender a vida. Para tematizar sobre a vida deve-se, portanto, levar em conta a experiência fática da vida¹¹, pois somente nela que se torna possível o caminho para a própria Filosofia.

¹⁰ Em *Ser e Tempo*, Heidegger descreve a relação que temos com as coisas, mais notavelmente coisas que foram produzidas como, por exemplo, quando usamos ou manipulamos um martelo (HEIDEGGER, 2006).

¹¹ Fático não significa realidade natural, não significa determinação causal e nem coisa concreta – comumente atrelada pela tradição filosófica – então, o conceito “fático” não alcança seu significado a

Desse modo, a ciência originária pré-teorética, em que a vida fática é colocada como o ponto de partida filosófico. Logo, a ciência originária deve se basear no rigor do método fenomenológico, partindo do acesso hermenêutico ao <caráter do ser> do fenômeno concreto, ou seja, a vida fática, que é o próprio existir humano.

Para Aristóteles (2009) o específico do humano é a vida própria do ente dotado de razão, mas ele não é somente racional também é em parte irracional – visto que é dotado da alma vegetativa e sensitiva – denotando que o agir é exclusivo do homem por ter a alma assim dividida. É justamente a partir da definição do especificamente humano que Aristóteles distingue os horizontes da ética. Ademais, a Ética para o estagirita tem a ver com a noção de *prâxis*, porque ela é a transformação do sujeito mediante as próprias ações. Heidegger percebe aí, que o existir que conjuga o lidar com o mundo que Aristóteles fala na ética, não pode apenas ser reduzido a classificação teorética dada pela tradição da história da filosofia. Pode-se então, verificar que o interesse de Heidegger paira em interpretar o horizonte fenomênico e o conhecimento pré-teorético como disposições pelas quais a alma toma posse da verdade, já que o problema da facticidade está de acordo com o problema da desocultação da verdade.

Desse modo, as cinco disposições aristotélicas da alma: o *noûs*, *sophía*, *epistéme*, *tékhne* e *phrónesis* são colocadas por Heidegger em um novo sentido¹², ele se propõe a elucidá-las enquanto diferentes maneiras em que o ser é trazido e custodiado na verdade¹³. Dentre estes modos de viver na verdade (na linguagem de *Ser e Tempo* – o modo como o *Dasein* está imerso na pré-compreensão do ser), Heidegger centra sua atenção nas três formas de conhecimento da *tékhne*, da *epistéme* e da *phrónesis*, bem como dos seus respectivos modos de comportamento da *poíesis*, da *theōria* e da *prâxis*. O jovem Heidegger considera que *poíesis*, *theōria* e *prâxis* como os três modos fundamentais do cuidado do *Dasein*: a atividade produtiva e o uso dos utensílios, o conhecimento teórico e a ação orientada frente aos outros (solicitude) e frente a si mesmo (cuidado de si).

partir de determinados pressupostos da teoria do conhecimento, uma vez que deve ser compreendido apenas através e pelo conceito de “histórico”, isto é, como o encontramos na vida (HEIDEGGER, 2014).

¹² Destaca-se que estes conceitos tratados por Heidegger são tomados enquanto indicações formais que se tornam significativos apenas quando referidos à situação hermenêutica concreta. Retomando a noção de indicação formal, lembramos que este método resulta de que um conceito não possui único significado, mas remete a outros significados em certas relações (HEIDEGGER, 2014). Nesse sentido, os conceitos filosóficos presentes no Informe Natorp são identificados em relação a seu "como" (*Wie*) originário.

¹³ Nas lições do semestre de inverno de 1924/25 intitulada *Platão: O sofista*, Heidegger (2012) oferece uma explicação pormenorizada dos modos fundamentais de viver custodiado na verdade.

É justamente na *prâxis* aristotélica que Heidegger reafirma a premissa de que a experiência ontológica originária comparece na lida produtiva (*poiesis*). Assim, o sentido primordial de ser para Aristóteles, segundo Heidegger, é a produção. Em suas palavras: “aquele que tem estado na atividade do trato produtivo, aquele que está disponível para uma eventual utilização, este é propriamente o ser” (HEIDEGGER, 2002, p. 56, trad. nossa). Nessa medida, ‘ser’ significa ser-produzido, pois foi preparado para ser usado, logo, o ser é o que é.

O ser é, portanto, movido pela atividade na sua lida produtiva, logo a vida fática é determinada como algo que se automove, cujos movimentos procedem de si mesma. De acordo com Aristóteles (2013), todo o ser em movimento é caracterizado por uma *privatio*, ou seja, pela falta de algo e é justamente esta falta que o leva a movimentar-se. Nesse sentido, Heidegger relaciona o movimento ao conceito de cuidado: “[...] como Ser de cuidado, a vida fática vive em contínuo movimento, em *kínesis*”.

Dessa maneira, a experiência fática da vida possui um caráter essencialmente dinâmico, ela possui uma multiplicidade de modos práticos de relação com o mundo, os quais são caracterizados pelo ser histórico. Este último aspecto proporciona a ligação entre a vivência e a facticidade, de tal modo que todo vivenciar possui um agora em cada situação. Esta assertiva nos leva a destacar duas questões fundamentais: o modo prático (*prâxis*) da experiência da vida fática e o seu movimento (*kínesis*), que é regido pelo caráter histórico. Logo, a mobilidade¹⁴ indica o dinamismo, o aspecto móvel, cinético e temporal da vida humana; dito de outro modo, a vida nada mais é do que um processo dialético, onde se mantém sempre ocupada por um ir e vir em uma luta constante em conservar o que se é e por não deixar avançar pelo que virá.

Nesse momento, Heidegger – sem ainda pormenorizar tais questões – retoma a *Física* de Aristóteles, cujo texto trata dos entes que possuem um princípio de movimento e um de repouso. A leitura do texto aristotélico leva Heidegger a pensar o tempo e a mobilidade da vida fática. O “tempo” (*kairós*), aqui, não é entendido como unidade de medida, nem como caráter (especificamente formal) de nexos históricos do acontecer, mas é compreendido no “como específico da mobilidade no sentido de um caráter que não só possibilita a mobilidade, acolhendo-a no interior da mesma, mas até

¹⁴ Heidegger indica dois tipos de mobilidade que contemplam a ideia de que o *Dasein* realiza o seu ser: a primeira de maneira imprópria e governada pelas opiniões públicas; e a segunda própria que está ao alcance de quem se projeta em face da própria morte. No entanto, ele não se aprofunda nestas questões, embora, já indique aqui que um clamor convoca o *Dasein* a projetar o seu poder-ser de modo mais próprio, a partir da percepção de um débito inerente ao próprio ser, tal como está desenvolvido em *Ser e Tempo*.

coperfazendo-a, movendo-a enquanto elemento fático autônomo” (HEIDEGGER, 2011, p.155). Assim, o histórico-factual está sempre aí presente, ele é constitutivo da facticidade.

Ressalta-se que facticidade e existência não significam a mesma coisa, a existência é apenas uma possibilidade que se desdobra temporalmente no ser da vida, que é fático. A facticidade reflete a natureza dinâmica e temporal da vida humana, na medida em que os entes se ocupam de diferentes maneiras no mundo. Partindo disso, Heidegger pensará a ocupação com os entes à luz do conceito aristotélico de *phrónesis*, que está presente no livro VI de *Ética a Nicômaco*. A *phrónesis* guarda em seu ser mais próprio “o seu horizonte em que se desdobra o trato que a vida humana mantém consigo mesma, assim como o modo de levar em prática a esse trato” (HEIDEGGER, 2002, p.67, trad. nossa). Desse modo, a interpretação heideggeriana aproxima o conceito de *phrónesis* em relação a lida do ente com o mundo, o que contribui para o desdobramento temporal da vida em seu ser, logo se refere a uma visão pré-reflexiva que acompanha e orienta as muitas lidas do ser-no-mundo.

O conceito de lidar com o mundo define a atividade do cuidado. Nesse sentido, o mundo se articula em função das possíveis direções do cuidado: mundo circundante, mundo compartilhado e mundo de si mesmo. Encontramos aqui uma das estruturas ontológicas fundamentais da existência humana: o cuidado (*Sorge*). Correlativamente, a atividade do lidar-com ou tratar de é sempre dirigida para um objetivo qualificado como ocupação ou preocupação. Mantendo-se fiel a estrutura intencional que gerencia todos os seus comportamentos, a vida fática: cuida de, se ocupa de, se preocupa por tudo aquilo que vai ao encontro em sua lida diária no cotidiano com o mundo.

Somente no movimento da vida fática, entendida como "cuidar", ou seja, no ter a ver com o que se encontra no próprio mundo-ambiente, decaindo continuamente nas ocupações mundanas e *ao mesmo tempo* no contra movimento da existência, ou seja, na inquietude ou preocupação para o próprio si em que é implicado o próprio autêntico ser - somente nesta motilidade pode-se compreender o sentido do ser (HEIDEGGER, 2002, p., trad. nossa).

O cuidar, portanto, expressa a preocupação dos entes pelos meios de sobrevivência, pela profissão, pelos prazeres, tranquilidade, familiaridade e pela lida com as coisas do mundo, o que caracteriza a mobilidade fática da vida que está envolvida em múltiplos afazeres. Nota-se, todavia, uma ambivalência no uso do termo *Sorge* no transcurso do *Informe Natorp*. É possível encontrar quatro termos que se

direcionam ao mesmo campo semântico: *Sorge* (cuidado) ou *sorgen* (cuidar-se de), *Besorgen* (ocupação) ou *besorgen* (ocupar-se de), *Fürsorge* (solicitude) ou *fürsorgen* (preocupar-se com os demais) e *Bekümmern* (inquietação) ou *sich bekümmern* (inquietar-se). De modo geral, o *Sorge* ou o cuidado designa a estrutura genérica que engloba os três modos básicos da vida humana relacionar-se com o mundo: o ocupar-se das coisas do mundo circundante ou dos fazeres mundanos (*Besorgen*); o preocupar-se com as demais pessoas com que o *Dasein* compartilha o mundo (*Fürsorge*); as inquietudes de cada uma das preocupações próprias do si mesmo (*Bekümmern*).

O que está em questão com o uso do termo grego *phrónesis* é a decisão do *Dasein* a respeito de seu próprio ser. A *phrónesis* é uma disposição específica do homem, pois ela mobiliza todo agir e toda circunstância no horizonte prático. É a partir do exercício da *phrónesis* que o homem se posiciona diante de sua própria vida e estabelece critérios sobre as suas próprias ações. A *phrónesis* aristotélica é interpretada por Heidegger como uma visão apropriada para garantir a união dos entes de uso (utensílios) de modo adequado às circunstâncias da ocupação. A *phrónesis* guarda em seu ser mais próprio “o seu horizonte em que se desdobra o trato que a vida humana mantém consigo mesma, assim como o modo de levar em prática a esse trato” (HEIDEGGER, 2002, p.67, trad. nossa).

Além disso, Heidegger mostra que a *phrónesis* é uma percepção noética que revela o próprio ser. Ademais, a *phrónesis* implica que a deliberação esteja sempre em relação com aquele que delibera. Tal situação demonstra o caráter hermenêutico da *phrónesis*, em conformidade com o princípio hermenêutico heideggeriano de que toda compreensão é uma auto compreensão¹⁵. Este princípio hermenêutico proposto por Heidegger remete ao caráter fático de que a compreensão não é simplesmente uma apreensão de um objeto exterior, mas projeção de sentido em que o próprio ser, enquanto *Dasein* está em jogo.

¹⁵ A vida fática dispõe da possibilidade de auto compreensão desde sua existência imediata no mundo, uma autocompreensão que o desenvolvimento da intuição hermenêutica deve explicar e expressar. Na hermenêutica configura-se ao *Dasein* como uma possibilidade de vir a compreender-se e de ser essa compreensão, ele se compreende, porque ele já está desde sempre num mundo (HEIDEGGER, 2013, p.21).

3. Considerações Finais

A proposta inicial deste escrito consistiu em identificar como se delineou a leitura fenomenológica de Heidegger sobre a filosofia de Aristóteles. Nessa direção, buscou-se percorrer, de maneira breve e longe de pormenorizar, o projeto filosófico traçado por Heidegger no final dos anos de 1919 e início dos anos 20, de maneira mais específica, sob o respaldo analítico do *Informe Natorp*.

Pode-se verificar que a partir da leitura originária e fenomenológica de Aristóteles, Heidegger fundamenta o seu projeto de uma fenomenologia hermenêutica da vida fática, na medida em que o filósofo alemão projeta na filosofia aristotélica o questionamento sobre o sentido do ser. Na verdade, Heidegger vê que a *práxis* de Aristóteles desde sempre consistiu a base da ontologia, no entanto, ela ficou encoberta pela tradição. Por isso, a tarefa de Heidegger paira-se, sobretudo, na “destruição” deste solo sedimentado deixado pela tradição da história da filosofia. Assim, o que precisa ser redimensionado neste trabalho de “destruição” é a recolocação da vida fática em questão.

A vida fática, contudo, se dá antes de qualquer significação teórica. Desse modo, pode-se constatar que a vivência, embora se mostre como um modo a partir do qual nós mesmos nos apropriamos das coisas, denuncia precisamente que são as coisas, por outro lado, que se apropriam também de nós. A ideia é essa: pressupor a separação sujeito-objeto é ignorar que o que existe, primordialmente, é a relação. Existir, destarte, não é estar diante do mundo como uma coisa diante de outra coisa, mas estar envolvido com a existência, estar já sempre relacionado com o mundo que a constitui. A leitura fenomenológica de Heidegger sobre Aristóteles, portanto, alude a um plano pré-teórico, descentrando a filosofia da *theōria*, assim o filósofo alemão destrói não apenas a centralidade da teoria, mas a própria dicotomia entre *theōria* e *práxis*, pois Heidegger não se propõe substituir esta por aquela.

O que pudemos vislumbrar é que Heidegger apresenta um conjunto temático em que se articulam os conceitos práticos de Aristóteles com o projeto de uma hermenêutica da factidade: a *kínesis* da vida fática, a *phrónesis* e sua relação com o cuidado, a urgência da *práxis* frente ao teórico. Além disso, pode-se afirmar que a hermenêutica em Heidegger deixa de ser um conjunto de preceitos metodológicos para ser concebido no movimento dos modos de ser do *Dasein*, isto é, deixa de preocupar-se

com os métodos interpretativos e volta-se para a manifestação da *kínesis* da existência humana – sendo ela mesma auto compreensão.

Referências

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. In: MONDIN, Battista. Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente Vol 1. Trad. Benôni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1982.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. do grego de António de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.
- ARISTÓTELES. *Física I e II*. Prefácio, tradução, introdução e comentários: Lucas Angioni. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- BRENTANO, F. *Von der mannigfachen Bedeutung des Seiende nach Aristoteles*. Darmstadt: WB, 1960.
- HEIDEGGER, M. *Towards the Definition of Philosophy* (Freiburg Lecture-Courses 1919). Trad. Ted Sadler. The Atholone Press, 2000.
- _____. *Interpretaciones fenomenológicas sobre Aristóteles: Indicación de la situación hermenéutica [Informe Natorp]*. Trad. Jesus Adrián Escudero. Madrid: Editorail Trotta, 2002.
- _____. *Ser e Tempo*. Trad. Revisada de Márcia de Sá Cavalcanti Schuback. 2ª edição. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.
- _____. *Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles: introdução à pesquisa fenomenológica*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- _____. *Platão: O sofista*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- _____. *Ontologia: (hermenéutica da faticidade)*. Trad. Renato Kirchner. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- _____. *Fenomenologia da Vida Religiosa*. Trad. Enio Paulo Giachini, Jairo Ferrandin, Renato Kirchner. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2014.
- KISIEL, T. *The Genesis of Heidegger's Being and Time*. California: The University of Califórnia Press, 1995.
- POGGELER, O. *A via do pensamento de Martin Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- SALLIS, J. *Deconstruction and Philosophy: Texts of Jacques Derrida*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- VOLPI, F. *Heidegger e Aristóteles*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

Recebido em: 30/01/2018
Aprovado em: 16/07/2018